

**Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)**



**Produção,
Comunicação
e Representação
do Conhecimento
e da Informação**

Atena
Editora

Ano 2020

**Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)**



**Produção,
Comunicação
e Representação
do Conhecimento
e da Informação**

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P964 Produção, comunicação e representação do conhecimento e da
informação [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da
Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-14-6

DOI 10.22533/at.ed.146201302

1. Comunicação social. 2. Computadores e civilização.
3. Tecnologia da informação. I. Silva, Marcelo Pereira da.

CDD 303.483

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Esta obra joga luz sobre questões cruciais para a composição e consolidação dos estudos da comunicação, da representação do conhecimento e da informação, perfilando por plurifacetados universos da memória cultural, cultura informacional, mediação, sociedade de consumidores, ontologia da linguagem, design thinking, organizações, transformação social, mobilização, big data, Fake News, teoria da complexidade, etc.

A comunicação, insistimos, corresponde a processos humanos que devem ser permeados pelo diálogo, pela colaboração, pela cocriação, pelo respeito, pela afeição e pela coabitação; por outro lado, possui uma vertente técnica e tecnológica cuja necessidade é primordial para o funcionamento e a dinamização das sociedades, das relações, das conexões e da cotidianidade social em um mundo midiaticizado no qual as dimensões humanas e tecnológicas provocam o nascedouro de pesquisas e estudos acerca das possibilidades, dos desafios, das oportunidades e dos efeitos colaterais de um tempo em que realidade on-line e off-line, muitas vezes, se confunde. Aos pesquisadores cabe a responsabilidade de responder por meio da investigação teórica e aplicada, aos problemas, dilemas e carências sociais ligados à comunicação, conhecimento e informação.

Nesse sentido, o e-book “Produção, Comunicação e Representação do Conhecimento e da Informação” enleia-se à urgência de se situarem esses campos num contexto social, econômico, político, cultural e ideológico que nos convida a (re) pensar as condições de produção e circulação de informações, o papel ambivalente das redes sociais virtuais, as imbricações das ciências da informação com outras áreas do saber, as atitudes, necessidades, os discursos e os comportamentos do sujeito contemporâneo, considerando a multidisciplinaridade/Interdisciplinaridade/transdisciplinaridade da Comunicação social.

É muito relevante para a pesquisa em comunicação, informação e áreas afins se aventarem hipóteses, se criarem objetivos e se estudarem as configurações da sociedade, reconhecendo a urgência da comunicação no oceano de informações/conteúdos propiciados pelos efeitos da midiatização pós-moderna. Autores de importantes instituições públicas e privadas de ensino e pesquisa do Brasil apresentam eficientes investigações por meio de arcabouços teórico, metodológico, empírico, analítico e reflexivo que estruturam e cimentam a temática central deste e-book.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CULTURA PARTICIPATIVA E A AÇÃO DOS FÃS NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL ATRAVÉS DA INTERNET	
Márcio Renan Correa Rabelo Lilian Cristina Monteiro França	
DOI 10.22533/at.ed.1462013021	
CAPÍTULO 2	17
A CULTURA INFORMACIONAL COMO BASE PARA A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL	
Sara Barbosa Gazzola Luana Maia Woida	
DOI 10.22533/at.ed.1462013022	
CAPÍTULO 3	30
MEDIAÇÃO CULTURAL: PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL	
Alessandro Rasteli	
DOI 10.22533/at.ed.1462013023	
CAPÍTULO 4	43
BENEFÍCIOS DO DESIGN THINKING NA FORMAÇÃO DE BIBLIOTECÁRIOS INOVADORES	
Isaac Brito Roque David Vernon Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.1462013024	
CAPÍTULO 5	51
ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS E REDES SOCIAIS: UM ESTUDO NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	
Anthone Mateus Magalhães Afonso Sérgio Inácio Da Rosa Wania Regina Coutinho Gonzalez	
DOI 10.22533/at.ed.1462013025	
CAPÍTULO 6	68
MEMÓRIA SOBRE A MOBILIZAÇÃO DA REDE SOCIAL NA COMUNIDADE DE TRÊS CARNEIROS – PERIFERIA DO RECIFE	
Wilson Nauricio Miranda de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.1462013026	
CAPÍTULO 7	85
UM OLHAR ENTRE BIG DATA E TEORIA DA COMPLEXIDADE: ESTUDOS HISTÓRICO-EPISTEMOLÓGICOS	
Mariana Rodrigues Gomes de Mello Marta Lúcia Pomim Valentim	
DOI 10.22533/at.ed.1462013027	

CAPÍTULO 8	96
IMPACTO DA ONTOLOGIA DA LINGUAGEM NA GERAÇÃO DE PENSAMENTO CRÍTICO A RESPEITO DO PAPEL DOS PROFISSIONAIS E DOS USUÁRIOS DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO	
Ana Cristina Carneiro dos Santos Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares	
DOI 10.22533/at.ed.1462013028	
CAPÍTULO 9	110
FERRAMENTAS DE GESTÃO DO CONHECIMENTO APLICADAS EM ORGANIZAÇÕES DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: UM ESTUDO EM ÓRGÃOS PÚBLICOS DE JOÃO PESSOA	
Jacqueline Echeverría Barrancos Tereza Evâny de Lima Renôr Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.1462013029	
CAPÍTULO 10	122
DISCURSO CIRCULANTE E MERCANTILIZAÇÃO DA FELICIDADE: COMUNICADOR E TRABALHO EM UM MUNDO DE CONSUMIDORES	
Ana Maria Dantas de Maio Marcelo Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.14620130210	
CAPÍTULO 11	139
UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO SOBRE AS FAKE NEWS NO ÂMBITO DA SAÚDE	
Cristina de Fátima de Oliveira Brum Augusto de Souza Lucas Capita Quarto Ademir Hilário de Souza Fábio Luiz Fully Teixeira Fernanda Castro Manhães José Fernandes Vilas Netto Tiradentes	
DOI 10.22533/at.ed.14620130211	
CAPÍTULO 12	146
FINANCIAMENTO COLETIVO ONLINE PARA POTENCIALIZAR AS LEIS DE INCENTIVO FISCAL: UM MODELO DE CULTURA PARTICIPATIVA	
Larissa Gaspar Coelho Pinto Maria José Baldessar	
DOI 10.22533/at.ed.14620130212	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	161
ÍNDICE REMISSIVO	162

MEMÓRIA SOBRE A MOBILIZAÇÃO DA REDE SOCIAL NA COMUNIDADE DE TRÊS CARNEIROS – PERIFERIA DO RECIFE

Data de aceite: 27/01/2020

Wilson Nauricio Miranda de Albuquerque

Trabalho apresentado no CIRES/2017 na
Universidade de Évora - Portugal.

wilsonmalbuq@gmail.com.

RESUMO: Em 1995 realizamos uma pesquisa em algumas comunidades da periferia do Recife, abordando a participação dos moradores no acompanhamento de projeto de melhorias urbanas. Passadas duas décadas (2015), revisitamos as mesmas comunidades periféricas, trazendo ao debate sua história a partir do conceito de “Rede social” como um instrumento de análise para as interações entre indivíduos construídas no cotidiano (FONTES, 1998). Decidimos dar ênfase a comunidade de Três Carneiros (uma das comunidades pesquisadas em 1995), importante por seu protagonismo desempenhado - uma vez que a força de sua organização e articulação ganhou destaque na imprensa nacional, ao conseguirem expulsar do canteiro de obras instalado nessa comunidade, uma grande empreiteira contratada para obras de infraestrutura urbana (na ocasião, a empresa desconsiderou os argumentos da comunidade

que questionavam a qualidade técnica das obras em execução). Nesse sentido, pudemos levantar novas reflexões sobre os movimentos comunitários a partir da reconstituição da memória das mobilizações, organização, estratégias e articulações com foco nas redes sociais que vem se estabelecendo na comunidade mencionada.

PALAVRAS-CHAVE: Mobilização social, rede social, comunidade periférica.

ABSTRACT: In 1995, we conducted research in some communities in the outskirts of Recife, addressing the participation of residents in the follow-up of urban improvements project. After two decades (2015), we revisited the same peripheral communities, bringing to the debate its history from the concept of “Social network” as an instrument of analysis for the interactions between individuals built in the daily life. We decided to emphasize the community of Três Carneiros (one of the communities surveyed in 1995), important for its role played - once the strength of its organization and articulation gained prominence in the national press, when they managed to expel from the construction site installed in that community, A large contractor contracted for urban infrastructure works (at the time, the company disregarded the community’s arguments that questioned the technical quality

of the works being carried out). In this sense, we were able to raise new reflections about the community movements from the reconstitution of the memory of the mobilizations, organization, strategies and articulations with focus on the social networks that are being established in the mentioned community.

KEYWORDS: Social mobilization, social network, peripheral community.

APRESENTAÇÃO

Após alguns anos reencontrei o professor Breno Fontes (UFPE), o qual foi meu orientador da dissertação de mestrado em geografia (UFPE), cujo tema: “Novas Práticas de Urbanização nas Periferias do Recife: As Comissões de Acompanhamento de Obras”, defendida em 1995. O poeta e compositor brasileiro Vinícius de Moraes fala em uma de suas canções que a vida é feita de encontros e desencontros. E foi nessa toada da vida e incentivado pelo eminente professor que retornei ao mesmo território para realizar novas pesquisas que foi objeto de minha dissertação de mestrado no passado.

Em 2015, vinte anos depois retornei à comunidade de Três Carneiros para apresentar os resultados da pesquisa do passado, fazer um contraponto com a realidade atual e construir novos elementos para pesquisas futuras. Nessa ocasião, fizemos uma análise comparativa do movimento social local (1995-2015), o qual levamos para o Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) em Porto Alegre – Brasil em 2015. Ao tempo em que reconstituímos e checamos com a própria comunidade a Rede Social constituída no passado.

Ao termos conhecimento do CIRES 2017, nos debruçamos sobre o material produzido no contato com a comunidade de Três Carneiros em 2015 e resolvemos levar no formato de memória para este Congresso de Redes: a mobilização, organização e estratégias de uma comunidade periférica e sua luta para ser reconhecida e reafirmar a sua cidadania em uma cidade marcada pela desigualdade territorial e social.

E foi com a força da rede social local que os moradores escreveram um importante capítulo no movimento de bairros do Recife, garantindo sua participação efetiva nos procedimentos de melhorias urbanas em execução no território e, forçando o poder público local a repensar o contrato com uma importante empreiteira responsável pelas obras na comunidade, o que será objeto no seguimento desse texto.

VOU CONTAR UMA HISTÓRIA DE UMA COMUNIDADE CHAMADA TRÊS CARNEIROS...

Esta comunidade é composta por populações predominantemente de baixa renda e está situada geograficamente na zona sul da cidade do Recife, constituindo-

se num território com predominância de morros e córregos. Os primeiros habitantes chegaram a esta localidade por volta do ano de 1966, decorrentes de uma grande cheia que atingiu a capital pernambucana, deixando muitas famílias desabrigadas. Notemos que: “A cheia de 1966 além de deixar muitas famílias desabrigadas, atingiu todas as camadas sociais na medida em que as inundações chegavam aos bairros tidos como de elite, a exemplo do bairro da Madalena” (ALBUQUERQUE, 1995, p. 75).

As primeiras mobilizações dessa comunidade tiveram como foco a reivindicação pelo abastecimento d’água e foi também no decorrer dessa luta que surgiram os grupos sociais locais, mais precisamente a partir de 1980. A conquista do abastecimento d’água ocorreu por volta de 1985, além de trazer melhorias à vida local, fortaleceu e deu sentido a força mobilizadora no território.

Após a essa conquista e ciente da importância da mobilização e organização social, esta população seguiu o ritmo favorável da conjuntura política local e brasileira que estava centrada na redemocratização do país. Nesse sentido, foi constituído a Rede Social Local e uma forte mobilização se materializou pelas melhorias urbanas da localidade. Conquista que aconteceu no período de 1986 a 1988, contando com a participação ativa dessa comunidade. Vejamos o trecho da entrevista com uma dirigente do clube de mães:

A gente vê que a Associação de Três Carneiros desenvolveu os trabalhos, não para o povo, e sim com o povo. Se o povo se organiza as conquistas acontecem. Até hoje eu sou representante da rua que moro. Quando é preciso fazer uma reunião de rua para tirar representantes percebemos que os moradores têm vontade de participar (ALBUQUERQUE 1995, p. 77).

A afirmação acima sinaliza que a organização social local estava alinhada com o forte sentimento de participação da população nas decisões que eram demandadas. Ao destacar “... não para o povo, e sim com o povo...”, exemplifica a qualificação da forma de atuação dessa comunidade.

REDE SOCIAL: FLUXO DE INFORMAÇÕES E ESTRATÉGIAS

Durante a implementação do projeto que urbanizou a comunidade de Três Carneiros, executado pelo poder local, “O programa de Urbanização e contenção de encostas chegou em Três Carneiros no final do segundo semestre de 1986, com um conjunto de obras de drenagem, pavimentação, escadarias, tratamento de encostas, canal e canaletas” (ALBUQUERQUE, 1995, p. 80).

Foi também um período de grandes conflitos entre a comunidade, através de sua rede social, e o Poder Público Municipal responsável pela execução do projeto de urbanização. Como já mencionamos, a conjuntura política era bastante favorável à

participação popular em virtude dos compromissos assumidos pelo gestor municipal no decorrer da campanha eleitoral de 1985. Os conflitos existiam e a relação entre o poder público municipal e a rede social desta comunidade era de aliados eventuais.

Nesse sentido, as principais organizações de referência (Associação de Moradores de Três Carneiros e o Clube de Mães), aproveitavam a experiência de trabalhar com comissões temáticas (saúde, educação, barreiras, etc...), incentivaram a formação de comissões de acompanhamento de obras nas ruas contempladas pelo projeto de urbanização. A estratégia deu resultados e fortaleceu a rede social local e o fluxo de informações demandadas no canteiro de obras instalado na comunidade. A comprovação dessa afirmativa está exemplificada na seguinte citação do representante da comissão de barreiras: Uma organização tipo associação e conselho de moradores sem a existência de comissões para mim não funciona porque eu não acredito numa organização onde quem manda é a diretoria” (ALBUQUERQUE, 1995, p. 83-84).

Esse relato demonstra a compreensão da filosofia de funcionamento do movimento popular local, ou seja, de desenvolver um trabalho buscando descentralizar as ações e coletivizar as responsabilidades. E assim, foi estruturada a rede social da comunidade para acompanhar o período em que as melhorias urbanas estavam sendo executadas pelo poder público municipal através da empreiteira responsável pelas obras de engenharia.

A gestão municipal, portanto, foi se adaptando ao o ritmo dessa localidade ao respeitar a sua autonomia e formas de mobilização de trabalho comunitário. Assim o poder público se agendou para acompanhar as reuniões estruturadas pela rede social local, fazendo a apresentação da filosofia do conjunto de obras a serem executadas. Vejamos o que diz uma dirigente da associação dos moradores: “Quando esse projeto chegou, nós fizemos reuniões por rua mostrando e discutindo o projeto e a importância do morador fiscalizar, porque éramos nós que íamos usar e pisar no dia a dia. Não era nenhum técnico da prefeitura e nem os funcionários da empreiteira” (ALBUQUERQUE 1995, p. 83).

E foi no ritmo das reuniões de apresentação do projeto de urbanização que foram sendo constituídas as comissões por ruas, sendo as mesmas, a fonte privilegiada que o movimento popular de Três Carneiros precisava para complementar o fluxograma da rede social que se estruturava para acompanhar um considerado conjunto de obras da maior importância para melhorar a qualidade de vida dos moradores.

E ASSIM FICOU CONSTITUÍDA A REDE SOCIAL: FLUXOGRAMA

Rede Social de Três Carneiros - 1995



Como podemos observar na figura acima, a rede social, estruturada em Três Carneiros, para acompanhar a execução das melhorias de intervenção urbana, possuía uma hierarquia que privilegiava a qualificação das informações que chegavam do canteiro de obras, através das comissões estruturadas nas ruas contempladas com o projeto. A comissão de barreiras (CB) tinha uma função de recolher as informações sobre o andamento das obras junto às comissões de ruas, fazer uma vistoria “técnica” sobre os problemas apontados por essas comissões. Na sequência, a comissão de barreiras (CB) elaborava um relatório minucioso para ser debatido nas reuniões semanais na associação dos moradores e clube de mães.

Após a apreciação do relatório preparado pela comissão de barreiras nas reuniões internas da comunidade, era construído um documento relatando os problemas selecionados no canteiro de obras, os quais comporiam a pauta a ser debatida com os técnicos do poder público municipal e, quando necessário, era convocado também representantes da empreiteira responsável pela execução do conjunto de obras no território.

Sendo assim, podemos observar que a rede social da comunidade era bastante articulada e atenta no acompanhamento do projeto em execução. Consistindo numa perfeita sintonia entre as comissões de ruas com a comissão de barreira, e esta, com a associação de moradores de Três Carneiros e clube de mães, que possuíam o domínio e a coordenação de todo o processo de acompanhamento do projeto de urbanização no território. Essa constatação fica bastante explícita nas palavras a seguir, ditas por um representante da comissão de barreiras:

(...) aí nos juntamos com alguns moradores da construção civil e fazíamos uma vistoria aos domingos. Depois preparávamos um relatório do conjunto das obras vistoriadas e entregávamos as companheiras do clube de mães e da associação de moradores. Com base nesse relatório fazíamos uma discussão no meio da semana com os engenheiros (ALBUQUERQUE, 1995, p. 84).

É interessante ressaltar que o depoimento acima é uma referência de que o

método de trabalho utilizado pela rede social local ao acompanhar o desenvolvimento do projeto era criterioso, minucioso e fundamentado em informações pontuais levantadas no canteiro de obras. Diante disso, a gestão municipal era forçada a dar retorno aos questionamentos formulados pela comunidade, também baseados em critérios e informações técnicas consistentes.

Diante disso, a rede social e o poder público municipal traçavam suas estratégias durante o acompanhamento das obras em execução. A comunidade almejava garantir uma obra de boa qualidade, já o município, o cumprimento do cronograma definido e acordado em reuniões com a comunidade. A citação a seguir é de um técnico social da gestão municipal que acompanhou as obras nessa localidade, constatando o engajamento com que a rede social desempenhava suas atividades dando ênfase a uma boa articulação:

(...) o que acontecia é que as pessoas estavam muito bem informadas do que era para ser feito. A gente percebia que o pessoal da comissão tinha conhecimento quando cobrava do engenheiro, a questão do traço correto do cimento, a qualidade da obra, se a largura da rua estava correta. O pessoal tinha uma preocupação na qualidade das canaletas, e isso foi interessante (ALBUQUERQUE, 1995, p.84).

O depoimento acima é reforçado por um componente da comissão de barreiras ao afirmar: “as companheiras da associação e clube de mães discutiam duro mesmo. Elas tinham elementos aprendidos com os operários da construção civil” (ALBUQUERQUE, 1995, p.85). Um dos critérios para fazer parte da comissão de barreiras, que trabalhava diretamente articulada com as comissões de rua, era ter conhecimento de obras. Daí alguns componentes dessa comissão serem militantes do movimento popular e trabalharem na construção civil.

As reuniões em Três Carneiros funcionavam com muita dinâmica em face da organização e boa articulação de sua rede social. Além da presença de técnicos da gestão municipal, quando necessário havia também a presença de representantes da empreiteira responsável pelas obras no território. E era nesse momento em que os questionamentos eram apresentados, debatidos e decididos; como nesse depoimento de um dirigente da comunidade: “Era nessas reuniões que levávamos as irregularidades que observávamos nas obras e tínhamos o poder de decisão” (ALBUQUERQUE, 1995, p, 88).

Com boa organização e estratégias na ação, a rede deu unidade à ação comunitária, dando consistência às reivindicações e, conseqüentemente, fortaleceu a sua autonomia diante da esfera pública. Isso proporcionou avanços significativos no processo de execução das obras, tornando os serviços mais qualificados e mais zelo na aplicação dos recursos financeiros. Como exemplificado no depoimento a seguir de um representante da comissão de barreiras:

... foram importantes porque era nas reuniões que discutíamos os problemas detectados pelas comissões de ruas no acompanhamento das obras. A nossa participação garantiu a execução de uma obra de boa qualidade. Após oito anos, elas continuam conservadas (ALBUQUERQUE, 1995, p. 89).

Essas conquistas assimiladas pela comunidade foram à força mobilizadora encontrada pela rede social para colocar para fora do canteiro de obras uma grande empreiteira responsável pelos trabalhos de engenharia no território - assunto à ser tratado com detalhes mais adiante. Essa afirmativa é corroborada no depoimento de um engenheiro da gestão municipal que acompanhou as obras no local:

Eu diria que foi uma experiência bastante rica. A população teve a oportunidade de participar, inclusive de decidir onde seriam aplicados os recursos financeiros. Houve “folga” na aplicação desses recursos previstos para a localidade e, com isso, redirecionamos esses recursos para serem aplicados no próprio bairro, e como já falei a população participou nessa aplicação (ALBUQUERQUE, 1995, P. 93).

REDE SOCIAL: ORGANIZAÇÃO, ARTICULAÇÃO, ESTRATÉGIAS E MOBILIZAÇÃO DAS PRIMEIRAS LUTAS NO TERRITÓRIO ATÉ A EXPULSÃO DA EMPREITEIRA.



A execução do projeto de obras em Três Carneiros representou o desejo da população local em ver o bairro urbanizado. Nesse sentido, a mobilização da comunidade se deu como vimos, de forma bastante consistente para garantir a conclusão desse projeto. O planejamento técnico acordado nas reuniões comunitárias previa a formatação de um conjunto de obras de forma a dar segurança, garantir o fluxo das águas e, sobretudo integrar os espaços intra-urbano para permitir uma maior mobilidade espacial no território e assegurar os serviços básicos como o

caminhão de gás, eletricidade, ambulância de saúde. Enfim, permitir uma melhor condição de vida para os moradores. O sentimento popular sobre a urbanização do bairro está expresso no depoimento de uma dirigente do clube de mães:

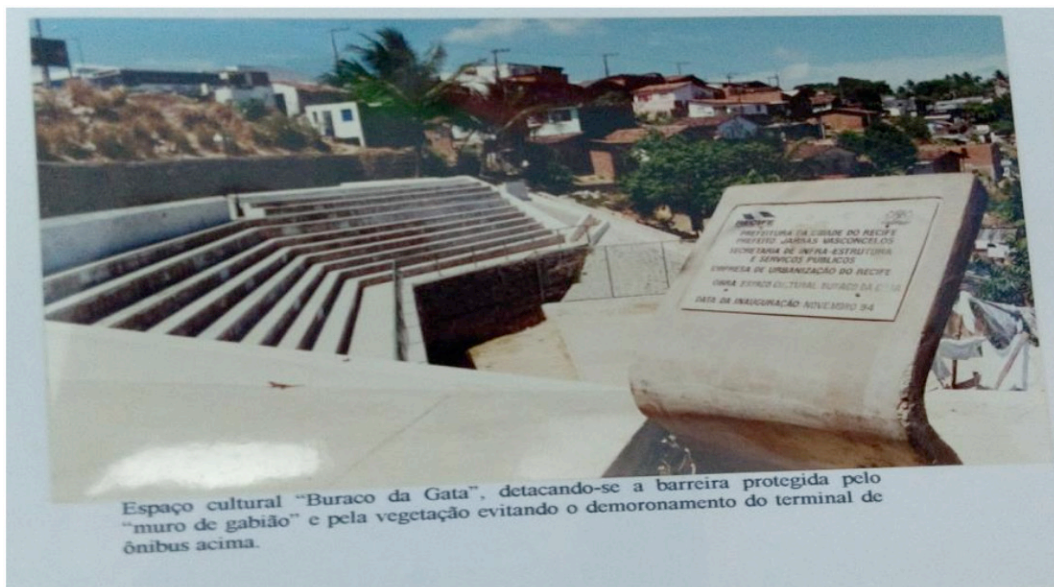
Antes da execução desse projeto o bairro era todo no barro, a população sofria muito descendo e subindo ladeira. Após a execução do projeto, com as ruas pavimentadas os moradores ficaram com mais coragem de lutar, isso dar mais ânimo à luta porque estão vendo algumas conquistas serem efetuadas (ALBUQUERQUE, 1995, p. 97).

O depoimento acima caracteriza muito bem o minucioso trabalho desenvolvido pela rede social, pontuando e intervindo desde as pequenas obras de engenharia até as mais complexas. Fortalecidos com as conquistas das obras já executadas na localidade e articulados em rede, o movimento popular ampliou sua participação para fazer o debate e garantir as grandes obras estruturadoras do bairro como a Avenida São Paulo, considerada a principal artéria local.



(Rua São Paulo)

A Avenida Monte Verde, a qual possibilitou a ligação de Três Carneiros de Cima com Três Carneiros de Baixo. E o Buraco da Gata da Gata, considerado a obra mais complexa e mais significativa para a comunidade; tanto do ponto de vista político como urbanístico, porque garantiu a integração social e cultural dos moradores.



(Buraco da Gata)

A mobilização da rede social local se confunde com a própria luta em torno do Buraco da Gata, considerado uma das maiores erosões dos morros da cidade do Recife. Antes de sua urbanização, era utilizado pela comunidade como depósito de lixo, ameaçava desabar uma boa parte de cima de Três Carneiros e, conseqüentemente, soterrar uma quantidade grande de residências familiares na parte de baixo da comunidade. Com o passar do tempo essa área foi se desmoronando pelo acelerado processo de erosão. Muito bem relatado por uma dirigente da Associação de Três Carneiros:

O buraco da gata teve um significado muito grande para a comunidade. Em 1987 e 1988 quando o buraco da gata começou a se desmoronar iniciamos uma grande mobilização na comunidade sem que a associação dos moradores estivesse participando. Após duas horas de mobilização o posto policial que estava ameaçado de ser retirado do local foi reativado (ALBUQUERQUE, 1995, p. 99).



(Foto do Posto Policial)

O posto policial citado na entrevista é considerado pelos moradores como de fundamental importância para a segurança do bairro. Este funciona ao lado do buraco da gata, sendo que, com o aumento da erosão a comunidade temia o desabamento do prédio e, em consequência a retirada do posto policial. A luta em torno do buraco da gata ganhou espaço na grande imprensa local, influenciando e fortalecendo ainda mais a mobilização da comunidade e sensibilizando o poder público municipal.

A intervenção de engenharia no buraco da gata significou a elaboração de um projeto técnico bastante cuidadoso em virtude do acelerado estágio de erosão do local. Após muitos estudos o projeto de urbanização consistia no tratamento da encosta através da construção de um “muro de gabião” para conter a erosão e ao lado desse muro, no interior do buraco da gata, a construção de uma área de lazer e cultura, atendendo a reivindicação da comunidade.

... muro de gabião é uma estrutura de alvenaria de pedra arrumada envolvida por uma tela de arame galvanizada em forma retangular, sendo utilizado em terreno com pouca consistência. A vantagem é porque ela se constitui numa estrutura flexível e drenante, facilitando o caminho das águas entre as pedras (ALBUQUERQUE, 1995, p. 101).

A proposta do muro de gabião foi bastante contestada pela comunidade que temia que o mesmo não viesse dar consistência à erosão. As explicações técnicas da equipe de engenharia do poder público, não foram naquele momento suficientes para convencer os moradores. Veja o que diz a respeito uma liderança entrevistada:

(...) nós tínhamos aquela visão que somente o muro de arrimo é que segurava a

barreira. O buraco da gata tinha uma erosão muito grande e os engenheiros falaram que um muro de gabião resolvia. Como não leva areia e nem cimento, ninguém aceitou e essa discussão teve duração de um mês (ALBUQUERQUE, 1995, p.101).

Diante do descrédito da comunidade sobre a alternativa técnica, a equipe do poder público utilizou-se de recursos de cunho educativo para explicar as funções de um muro de gabião, especificando a sua eficácia no tratamento daquele tipo de erosão. Mesmo assim, a comunidade continuou contestando a solução técnica sugerida pela equipe de engenharia. Devido ao impasse estabelecido entre a gestão e a comunidade encontrou-se um outro mecanismo que exemplificasse in loco o funcionamento de uma experiência técnica desse tipo. Nesse sentido foi acionado a CB para realizar uma visita técnica semelhante aos prédios do litoral sul de Pernambuco, onde já existia esse tipo de muro.

A iniciativa em conhecer o funcionamento do muro de gabião, fez a comunidade aceitar a intervenção técnica para tratar a erosão do buraco da gata. O resultado mais significativo pode ser constatado no relato de um dirigente da Associação de Moradores: “(...) jovens daqui não tinham onde namorar, esse espaço que era um aterro de 23 anos de lixo, agora é utilizado para atividades culturais e esportivas. Foi através da luta do buraco da gata que começou tudo em Três Carneiros, ou seja, a história do bairro” (ALBUQUERQUE, 1995, p.102).

O buraco da gata representou um símbolo da luta política do bairro, pois foi em torno da mobilização pela urbanização desse espaço que a comunidade reforçou a sua unidade política e conquistou credibilidade junto ao movimento de bairros da cidade do Recife. O que fica explícito no relato a seguir de um representante da comissão de barreiras:

(...) nós temos obtidos muitas vitórias nessas lutas, mas uma obra significativa para o bairro foi o buraco da gata. Na época desabou metade do terminal de ônibus do bairro que fica ao lado do posto policial. A comunidade fez uma mobilização até a prefeitura. Após audiência com o prefeito, uma comissão de técnicos veio a área e fez um projeto para o local. Hoje o buraco da gata chama-se “Operário Ivanildo Bezerra”, que foi um morador de nossa comunidade e que faleceu antes do espaço ser inaugurado (ALBUQUERQUE, 1995, p.103).

Como vimos à força da mobilização e a boa articulação local, possibilitaram grandes conquistas, fortalecendo a unidade e estratégias em torno de um projeto que era de interesse coletivo. E o fato do movimento popular local se credibilizar junto aos movimentos de bairros da cidade do Recife, também angariou respeito aos gestores municipais, ao serem notícias na grande mídia pernambucana, decorrentes das lutas que empreenderam. Veremos a seguir como esta comunidade reuniu ainda mais força mobilizadora ao conseguir expulsar a empreiteira, fato que repercutiu na grande mídia nacional.

DA MOBILIZAÇÃO POPULAR AO AFASTAMENTO DA EMPREITEIRA: ACUSAÇÃO PELA CB DE EXECUTAR OBRAS SEM QUALIDADE, ATRASAR OS SERVIÇOS EM DEMASIA E RECUSA DA ACEITAÇÃO DE QUESTIONAMENTOS DA REDE SOCIAL LOCAL.



(Encontro com Representantes da Comunidade de Três Carneiros em 2015)

O trabalho de acompanhamento de obras pelas comissões de rua ganhou repercussão na mídia nacional decorrente da anulação do contrato com uma empreiteira que executava obras para o poder público municipal. Esta construtora foi acusada pelas comissões de executar obras sem qualidade e de atrasar demasiadamente os serviços, além de se recusar a aceitar esses problemas levantados pelas comissões, como no depoimento de um dirigente comunitário, a seguir:

(...) Nós verificamos que o cimento não estava com o traço correto, os muros não estavam sendo executados com a devida segurança, eles colocavam as pedras mas não revestiam com cimento para fazer a amarração da mesmas, apenas aparentemente por fora. Fizemos a reclamação e a empreiteira não aceitou os questionamentos (ALBUQUERQUE, 1995, p. 108).

Como já abordado anteriormente, a CB era dentro da estrutura da rede social local, constituída basicamente por pessoas que tinham experiências no movimento comunitário e principalmente por trabalhadores residentes no bairro, ligado à construção civil. As acusações desse tipo eram consideradas de muita gravidade porque o muro de arrimo estava mal construído e sem segurança e, conforme o relato do representante da CB, colocava em risco a segurança de diversas famílias do bairro.

Desse modo instalou-se o conflito nas relações entre a construtora e a

comunidade. Com isso, os questionamentos foram objeto de uma grande assembleia na localidade, com a participação de técnicos da prefeitura e representantes da construtora responsável em realizar o conjunto de obras no território. Os questionamentos da comissão de barreiras estão bem relatados na entrevista com um representante da rede social local a seguir:

(...) Nós dissemos que as obras estavam de má qualidade, eles não aceitaram, aí fomos ao local da obra e o engenheiro detectou a mesma coisa. O proprietário da empreiteira não aceitou as nossas críticas e disse que não trabalharia com a comunidade fiscalizando porque tinha um nome a zelar (ALBUQUERQUE, 1995, p.108).

Quando esses fatos ganharam projeção nacional através da matéria da revista VEJA de 23 de outubro de 1987, Fernando A. Teixeira proprietário da construtora faz a seguinte contestação: “Uma empresa como a nossa precisa de autonomia, não podemos nos dobrar aos caprichos da comunidade”. Diante desse posicionamento por parte do proprietário da empreiteira, os ânimos se acirraram. A comunidade também radicalizou e exigiu a retirada da construtora do canteiro de obras. Nesse sentido, os conflitos ficaram insustentáveis entre a construtora e a comunidade, como no relato de uma dirigente do movimento comunitário local: “Nós dissemos que ele, o proprietário fosse executar obras em outra comunidade, aí ele zombou da gente e disse que não sairia” (ALBUQUERQUE, 1995, p. 109).

Na pesquisa que realizamos em 1995, constatamos que o proprietário da empreiteira havia dado apoio ao gestor municipal da época. Diante desse fato, é possível que a construtora tenha se sentido à vontade para menosprezar as reivindicações populares, quando o bom-senso sinalizava para que fossem verificados os defeitos encontrados no canteiro de obras e a partir de aí tomar as providências técnicas necessárias. Se assim o fizesse, “o nome a zelar” dito pelo proprietário à revista VEJA, salvaguardaria o cuidado que ele tentou demonstrar nessa entrevista. Ainda sobre a mesma problemática, um sociólogo que fez parte do alto escalão da gestão municipal da época deu a seguinte versão sobre esses fatos:

(...) e por coincidência essa empreiteira pertencia na época a um empresário ligado ao PMDB que participava politicamente e financeiramente das campanhas do PMDB, a F. A. Teixeira. Isso foi até um pouco cruel com ele, mas por coincidência ou por crise de sua empresa, ela foi pega em flagrante, atrasando obras, não cumprindo o cronograma e trabalhando numa área extremamente radicalizada (ALBUQUERQUE, 1995, p.109).

As questões relativas às irregularidades, na execução das obras, ao ser confirmado pela equipe de engenharia do município, complicou bastante a permanência da construtora e a continuidade dos trabalhos na comunidade. E por consequência, boa parte dos questionamentos técnicos estavam registrados no

livro de ocorrências, uma espécie de agenda diária para fazer anotações sobre as obras em andamento. A constatação desses fatos “quebrava” as normas contratuais do processo de licitação assinado entre o poder público municipal e a empreiteira. Nesse sentido, ficou insustentável a manutenção dessa construtora, tanto pelas irregularidades técnicas e a forte pressão da mobilização comunitária. Vejamos o que disse um engenheiro da prefeitura entrevistado na época dessas obras:

No caso da F. A. Teixeira esta empresa teve dificuldades de acelerar o ritmo das obras. Eu lembro que durante um ano de trabalho o percentual de obras executadas foi bastante baixo e sem uma explicação técnica convincente, E nós tínhamos isso em arquivos de registros, cobrando a falta de pessoal suficiente nas obras, atraso de material, tudo isso comprovado (ALBUQUERQUE, 1995, p. 110).

Consciente da veracidade das denúncias e com a impossibilidade de entendimento com a construtora, a rede social bem articulada e com todas as informações resultantes das denúncias, inicia um processo ininterrupto de mobilização para afastar a empreiteira. Foram em comissão à empresa de urbanização do município, responsável técnico pelo projeto de obras. Na sequência se deslocaram à sede da prefeitura municipal que tratava com pouca transparência tal questão. Ao tempo em que o poder público municipal acumulava desgastes junto à comunidade pela lentidão com que encarava essa problemática. Não satisfeita com essa postura, a comunidade ampliou a sua mobilização e denunciou à empreiteira e a gestão municipal numa plenária dos movimentos de bairros da cidade do Recife. Esse fato foi crucial para selar o destino da construtora, uma vez que a socialização dos problemas relacionados à empreiteira com o conjunto do movimento popular da cidade expandiu a divulgação da problemática, forçando a prefeitura a se manifestar sobre o caso.

Mesmo sendo um fato isolado numa comunidade periférica, a decisão do poder público municipal em afastar a construtora foi significativa, tanto para reestruturar a credibilidade junto à comunidade, desgastada por conta da indefinição em tomar uma decisão. Assim, como foi educativo na medida em que não deixou precedentes para que as demais empreiteiras fizessem o mesmo. Sobre isso, trazemos o depoimento de uma dirigente do movimento de bairro local: “(...) fizemos uma reunião na associação dos moradores, em seguida aglutinamos força com os moradores das ruas e com muita garra e disposição expulsamos a F. A. Teixeira daqui” (ALBUQUERQUE, 1995, p.111).

Na pesquisa que realizamos no passado, é significativo trazer para o presente o depoimento de um engenheiro que na época exercia um cargo de destaque na gestão municipal, ao abordar as dificuldades na decisão sobre o afastamento da empreiteira F. A. Teixeira, vejamos:

(...) foi uma decisão do poder público de cancelar o contrato. Agora, se não fosse a pressão da população, seriam tentadas outras formas, talvez tivesse sido postergada essa decisão. Eu acho que a participação da população ajudou e inclusive deu força à prefeitura para o cancelamento do contrato (ALBUQUERQUE, 1995, p.112).

Na sequência, trazemos também o depoimento de um sociólogo que na época exercia cargo de alto escalão no município. Na sua abordagem ele dá ênfase sobre os significados da organização comunitária e aponta o exemplo como um processo pedagógico a ser copiado. Vejamos então o seu comentário: “(...) Se aquilo tivesse acontecido numa área em que as comissões tivessem pouco nível de organização isso teria passado despercebido, no entanto, o que aconteceu foi muito simbólico porque serviu de exemplo para todas as empreiteiras”. (ALBUQUERQUE, 1995, p.112)

Os depoimentos acima do engenheiro e do sociólogo são significativos na medida em que analisam as dificuldades na tomada de decisão por parte da máquina pública, e, nesse caso, principalmente por conta das relações políticas entre o proprietário da empreiteira e o segmento político que na época administrava o município recifense. E também o fato de reconhecer de forma explícita o papel determinante da força de mobilização da comunidade para que uma difícil decisão fosse efetivada.

Nesse sentido, a boa estrutura organizativa da rede social local foi determinante para o domínio de todo o processo de execução do conjunto de obras. A dinâmica e a transparência no fluxo de informações que circulavam na comunidade deu qualidade a participação na medida em que, o debate entre os atores envolvidos (Comunidade, Poder Público Municipal e empreiteira), se deram com base em questionamentos técnicos, consistentes e fundamentados pela comissão de barreiras, constituída fundamentalmente por profissionais da construção civil que além de desempenhar um papel na luta comunitária eram ao mesmo tempo moradores da localidade.

E para fortalecer a análise que estamos trazendo nessa parte do texto, remontamos à reportagem da revista VEJA de 1987, já citado no corpo desse trabalho ao se referir à força de mobilização e à qualidade de ação comunitária. Vejamos o que diz um trecho dessa revista: “Esse controle rígido já afastou três construtoras dos canteiros de obras, entre elas, a F. A. Teixeira, a segunda maior empresa de construção civil de Pernambuco”. (VEJA, 23/05/1987).

Por fim, por estarmos aqui tratando de recuperar a memória da rede social da comunidade de Três Carneiros, optamos em reconstituir também importante relato do referido sociólogo ao aprofundar a problemática criada envolvendo o afastamento da empreiteira. Vejamos o que ele concluiu sobre isso:

(...) Eu tenho a impressão de que a partir desses acontecimentos e a repercussão que teve na imprensa. Isso deu respeitabilidade as comissões. As empreiteiras sentiram que o poder público era extremamente sensível às pressões que vinham das comissões, não era que a prefeitura se submetesse totalmente as pressões, mas era sensível a isso (ALBUQUERQUE, 1995, p. 113).

O depoimento acima é de grande importância ao fazer uma honesta reflexão sobre as minúcias que pautam a máquina pública ao se ver diante de fatos como esse e, por conseguinte, a análise que o mesmo faz a partir da posição administrativa que exercia à época na máquina municipal, quando constata que a mobilização da comunidade foi quem impulsionou o gestor municipal do Recife, naquele período, a decidir pelo afastamento da construtora; mesmo por tudo que a mesma representava politicamente para o conjunto de forças políticas que administrava a cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O retorno à comunidade de Três Carneiros em 2015, após duas décadas quando realizamos a primeira pesquisa em 1995, para reconstituir e contar a sua história a partir da mobilização da sua rede social em torno daquele projeto de urbanização, é por demais gratificante para quem trabalha com pesquisas sociais.

Quando por lá nos deslocamos, fomos inspirados pela feliz frase do escritor Gabriel Garcia Marques ao conceituar a memória como sendo “a vida não é a que cada um viveu, mas a que recorda e como recorda para contá-la”. Nesse sentido, fizemos uma releitura da pesquisa do passado (1995), e na medida em que íamos folheando os capítulos nos chamava à atenção os depoimentos com os protagonistas que estiveram no centro dos acontecimentos já bastante abordados nesse texto.

Não seria espanto ressaltar de que o nosso olhar focou-se para os relatos daquela gente simples de Três Carneiros, ao escrever com a sua força mobilizadora, importante capítulo na história do movimento de bairros do Recife. Dizem nas ciências sociais que para se fazer uma pesquisa não basta apenas encontrar um problema, é fundamental inspiração para trabalhar a problemática que envolve determinado objeto a ser pesquisado.

É interessante lembrar de que a rede social local foi se constituindo e se fortalecendo na medida em que o projeto de obras ia sendo executado. Os moradores, ao perceber as melhorias urbanas, foram se envolvendo também com os problemas que aconteciam no canteiro de obras. Tal fato mostrou-se importante pois deu unidade a uma luta que interessava a todos.

Outro destaque é o fato de a comunidade ter tido a clareza de estruturar as suas comissões não somente com militantes do movimento popular, mas principalmente que estes militantes fossem trabalhadores da construção civil residente do território.

E como variável esse formato fez toda a diferença nos momentos em que a qualidade dos serviços era questionada. Qualificando e empoderando os argumentos da comunidade frente à gestão municipal, os conflitos em torno do buraco da gata e do afastamento da empreiteira ressaltam muito bem essa alternativa.

E por último, o debate que realizamos em 2015 na comunidade Três Carneiros com os protagonistas de 1995, deixou um espaço para darmos procedimento a novas pesquisas, uma vez que foi possível identificar outras questões que hoje estão presentes nesse território, tais como: a violência, o uso das drogas, questões de gênero e um retraimento de participação da comunidade. São questões que remetem à estudos mais aprofundados.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wilson Naurício Miranda. *Novas Práticas de Urbanização nas Periferias do Recife: As Comissões de Acompanhamento de Obra*. Recife: UFPE, 1995.

FONTES, Breno Augusto Souto Maior. *Redes, Práticas Associativas e Poder Local*. 1.ed-Curitiba: Appris, 2011.

FONTES, Breno Augusto Souto Maior. *Redes Sociais e o Poder Local*. Recife: UFPE, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração pública 53, 110, 111, 112, 113, 114, 119, 120, 121

Análise de discurso 122, 123, 138

B

Biblioteca digital brasileira de teses e dissertações 30, 33

Bibliotecário 32, 36, 39, 43, 47, 48, 49

Biblioteconomia 31, 35, 36, 43, 47, 49, 50, 92, 93, 145

Big data 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

C

Cidadania 51, 54, 55, 57, 58, 62, 66, 69, 103, 154

Ciência da informação 25, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 49, 50, 85, 90, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109

Compartilhamento 2, 4, 7, 10, 11, 13, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 25, 27, 54, 55, 117, 129, 130, 134, 135, 140, 144, 147, 154

Consumo 3, 14, 122, 123, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 147, 156, 161

D

Design thinking 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

E

Estudo bibliométrico 30, 32

F

Fake news 139, 140, 141, 142, 143, 145

Fãs 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 12, 13, 14

Felicidade 122, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138

Formação 2, 3, 19, 22, 38, 39, 43, 45, 47, 48, 49, 51, 52, 55, 56, 58, 59, 62, 66, 71, 93, 124, 129, 136, 147, 152, 154

G

Gestão de arquivos 110, 112, 114, 117, 119, 120

Gestão do conhecimento 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 119, 120, 121

I

Informação contábil 17, 18, 19, 23, 24, 25, 27, 28

Infraestrutura urbana 68

Inovação 15, 43, 45, 48, 49, 50, 120

Internet 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 13, 14, 16, 47, 64, 89, 90, 91, 93, 140, 142, 146, 147, 148, 149, 159

J

João pessoa 15, 110, 112, 113, 114, 119

José Augusto “Sergipano” 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 13

L

Linguagem 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 124, 126, 129, 137, 138

M

Mediação 17, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 138

Mediação cultural 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42

Memória 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 24, 26, 68, 69, 82, 83, 98, 103, 105

Mobilização social 68

N

Netnografia 1, 2, 4, 7, 15

O

ONGs 51, 52, 53, 54, 58, 59, 61, 63, 64, 65, 66

Ontologia 96, 97, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109

Organizações 18, 19, 20, 21, 24, 26, 28, 51, 52, 54, 55, 57, 66, 71, 89, 92, 106, 107, 108, 110, 111, 117, 119, 120, 123, 127, 132, 133, 135, 148, 149, 155, 156, 158

P

Pensamento crítico 23, 29, 96, 97, 106, 107, 108

Periferia 68

Pesquisa bibliográfica 17, 19, 33, 98

Produção científica 30, 32, 33, 41, 85, 90, 145

R

Rede social 2, 57, 60, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 83

Rio de Janeiro 14, 50, 51, 52, 58, 59, 64, 65, 67, 94, 95, 109, 121, 137, 138, 145

S

Saúde 24, 54, 58, 71, 75, 131, 132, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 150, 151, 152, 159

T

Tecnologias da informação 24, 26, 43, 110, 111, 112, 114, 119, 120

Teoria da complexidade 85, 90, 91

Teste kruskal-wallis 116, 117, 118

Teste não paramétrico 110, 113, 115, 116, 117, 118

Trabalho 3, 4, 13, 18, 31, 32, 37, 38, 40, 43, 45, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 64, 66, 68, 71, 73, 75, 79, 81, 82, 85, 86, 88, 106, 111, 113, 120, 122, 123, 124, 127, 128, 137, 138, 144, 148, 149

Transformação social 51, 57, 66, 152

Três carneiros 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 82, 83, 84

U

Unidades de informação 96, 97, 106, 107, 108

Usuário 22, 26, 28, 157

V

Vulnerabilidade social 51, 52, 59, 66

 **Atena**
Editora

2 0 2 0